



## Litoral

# Alargamento de praias avança em SC e estudo aponta danos ao ambiente

— Segundo pesquisadores locais, engordas de faixa de areia como a que teve início na semana passada em Jurerê, têm vida útil curta e podem prejudicar a biodiversidade

## RAISA TOLEDO

O alargamento de praias é feito em vários pontos do litoral do País, mas Santa Catarina virou referência nesse tipo de intervenção, dada a popularidade do destino turístico e a repercussão que mudanças em seu litoral ganham nas redes sociais. Na última semana, obras de outra engorda da faixa de areia foram iniciadas na praia de Jurerê, Florianópolis.

Se, por um lado, as mudanças climáticas aumentam os problemas de avanço da maré e erosão costeira, especialistas dizem, em contrapartida, que essa estratégia tem vida útil curta. Eles veem riscos para os próximos anos, como a criação de “degraus” na areia e danos à biodiversidade marinha.

A prefeitura de Florianópolis destaca que a fase de análise dos impactos socioambientais dura mais do que a própria obra e ressalta haver monitoramento de biólogos. Também diz que outras intervenções similares, como nas praias de Canasvieiras (2020) e Ingleses (2023), não apresentaram efeitos negativos.

**A MAIOR ENGORDA.** A obra em Jurerê prevê aumentar a faixa de areia em 3,38 km — a maior engorda já feita na cidade, sob justificativa de evitar riscos a banhistas e moradores. O volume dragado previsto é de 491,2 mil m³ de areia e, após a intervenção, uma faixa de 30 m, ao custo orçado de R\$ 25 milhões.

Em outubro de 2023, um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) assinou nota técnica em que defende rever o uso dessa engenharia no litoral. Um dos problemas, dizem eles, é a falta de compreensão completa sobre os efeitos que a engorda têm nas áreas do entorno. “Esse tipo de empreendimento é, em seu âmago, de impacto regional. Todas as praias são conectadas, e o que se faz em uma afeta as do entorno”, diz o professor de Oceanografia Paulo Roberto Pagliosa, um dos pesquisadores que assinam o documento.

A ameaça à atividade pesqueira também é uma preocupação de parte dos especialistas. Para os pesquisadores da



ANDERSON COELHO / ESTADÃO

Alargamento em Jurerê: prefeitura de Florianópolis diz que há estudo de impacto antes da execução

UFSC, obras desse tipo devem ter exigências de intervenção de grande porte.

“É dragado o fundo marinho, que tem uma biodiversidade que a gente desconhece. É uma série de poluentes, cistos de algas que fazem marés vermelhas ou algas nocivas”, diz Paulo Horta Junior, pesquisador do Laboratório de Ficologia (de estudo das algas) da Federal de Santa Catarina.

Maré vermelha é um fenômeno causado pela proliferação excessiva de algas, sobretudo de espécies tóxicas. Nesta semana, mais de 300 pessoas buscaram atendimento médico em Alagoas e Pernambuco com suspeita de intoxicação após terem contato com algas em um episódio desse tipo.

**SIMPLICIDADE ATRAENTE.** A simplicidade relativa dos alargamentos os torna atraentes. É uma obra menos complexa, por exemplo, que construir estruturas de pedras, projetadas para reter a areia movimentada pelas marés.

Como mostrou o **Estadão**, cidades litorâneas têm apostado em estratégias diversas para conter o avanço das ondas fortes, como muros de pedra e barreiras submersas. Especialistas afirmam que, com o aquecimento global, haverá alta do nível do mar e ressacas mais frequentes e severas.

A nota técnica dos pesquisadores da UFSC ressalta que o alargamento não mira as cau-

**“É dragado o fundo marinho, que tem uma biodiversidade que a gente desconhece. É uma série de poluentes, cistos de algas que fazem marés vermelhas”**

**Paulo Horta Junior**  
Pesquisador da UFSC

estadaodigital

sas da erosão. Isso, segundo Pagliosa, encurta a vida útil e diminui a eficácia dos projetos. “Será que queremos produzir uma praia artificial constantemente?”, questiona.

Uma alternativa, sugerem os estudiosos, é a transferência progressiva de construções próximas à praia para áreas mais distantes e elevadas, combinada com a restauração do ecossistema para proteger a costa — e recuperar a restinga, vegetação ao longo do litoral.

“A remoção das estruturas da região próxima pode ser muito mais efetiva do que tentar dominar a natureza, que é a ideia do aterro”, pondera o pro-

fessor. Muitas das orlas, porém, já são ocupadas, inclusive por condomínios ou edifícios de alto padrão, o que dificulta o esvaziamento das áreas.

Em Balneário Camboriú, uma das mais badaladas do Sul do País, a Praia Central teve a faixa de areia alargada em 2021, de 25 para 70 m. Antes, com o estreitamento do local, os prédios faziam sombra na orla, o que reduzia o tempo que banhistas podiam desfrutar do sol. Após a intervenção, o aparecimento de um degrau íngreme na praia incomodou banhistas. À época, a prefeitura atribuiu o problema às fortes ressacas e disse que o projeto já previa eventuais reposições de areia. Mais tarde, a cidade recorreu a geotubos para conter o problema. Procurada novamente para comentar a obra, a prefeitura não se posicionou até a noite de ontem.

Um dos primeiros alargamentos de praia do Brasil foi em Copacabana, no Rio, que passou pela engorda entre 1969 e 1970. Com a mudança, estima-se que a faixa de areia foi de 55 para 140 metros.

**ANÁLISE TÉCNICA.** A prefeitura de Florianópolis, em nota, afirma que, antes de iniciar uma obra desse porte, há estudos de engenharia, sociais e ambientais e, após a licença ambiental, há condicionantes para mitigar o impacto. “Tanto que o tempo de estudo é maior do que o de execução da

obra”, informa. “O grão de areia utilizado na obra é exatamente da mesma gramatura do grão original.”

Durante a obra, diz a administração municipal, há equipes de biólogos que monitoram a possível presença de animais marinhos para não haver acidentes. Ainda de acordo com a prefeitura, Ingleses e Canasvieiras têm “sido bem aproveitadas por turistas e moradores sem qualquer impacto negativo”. Em Jurerê, o alargamento da praia também era reivindicado pela associação de moradores. Para Canasvieiras, a prefeitura afirma que já planeja manutenção da engorda realizada.

A erosão é ainda uma preocupação econômica, já que vem do turismo cerca de 30% da receita do município. “Sem faixa de areia, essas três praias, as mais movimentadas da ilha, deixariam de existir pelo avanço da maré”, aponta a prefeitura. “O impacto seria em todas as esferas, incluindo dezenas de pescadores cujo os ranchos estão na orla e que dependem da pesca para seu sustento.”

**AREIA DRAGADA.** Na pequena Itapoá, a 250 km de Florianópolis, o alargamento da praia terá o reuso da areia dragada do canal de acesso ao complexo portuário da região norte do Estado. A retirada de sedimentos será feita para possibilitar a passagem de embarcações maiores, de até 366 m.

De acordo com o secretário de Meio Ambiente de Itapoá, Rafael Brito, o reaproveitamento de sedimentos é comum no exterior. “As jazidas de aproveitamento são práticas bem estabelecidas em países da Europa, na Austrália e nos Estados Unidos.”

Para Brito, que é geógrafo, apesar dos possíveis problemas, a alimentação artificial é a “única forma de se restabelecer condição mais próxima do natural”.

Após a reutilização dos sedimentos, são previstos o plantio de vegetação de restinga e a recomposição das dunas frontais. Brito admite ser difícil prever qual será vida útil da engorda, cujos trechos variam entre 36 e 100 m de largura. “Trata-se de uma força da natureza que não se controla.”